

temos conhecido o amor de Deus por nós" (1987). "Fazei tudo o que Ele vos disser" (1988). "Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida" (1989). "Eu sou a Videira e vós, os ramos" (1990). "Tendes recebido um espírito de filhos" (1991).

6. Evangelizadores na nova realidade

"Todos aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus" (Rm 8, 14). Com estas palavras, João Paulo comparou a VI Jornada a um clima de Pentecostes. E afirmou: "De diversos modos experimentastes aquela luta que, ao longo de toda a história do homem, se desenvolve no homem e pelo homem. Convido assim os jovens a darem uma resposta ao Senhor, superando o egoísmo, o pecado que gera as divisões, o ódio". E continua: "Sede testemunhas coerentes e corajosas no vosso ambiente, entre vossos coetâneos e em todas as circunstâncias da vida". Assim lança um particular desafio aos jovens a serem evangelizadores na nova realidade política do Leste europeu. Para isto "conta convosco a Igreja. Vós sois a juventude da Igreja que se prepara para enfrentar o novo milênio. Sois a Igreja do amanhã, a Igreja da esperança." Chama a atenção dos jovens para olharem os irmãos do Leste europeu "que sentem um grande vazio, a impressão de terem sido enganados e por isso sentem uma deprimente angústia diante do futuro". Mas

"Grande parte da juventude perdeu os motivos para viver"

exorta também os jovens da Europa ocidental, onde "grande parte da juventude perdeu os motivos para viver". O Papa desafia: "Sois enviados como mensageiros da Boa Nova da salvação, como testemunhas de Jesus Cristo. E eles não de descobrir qual é

o sentido da vida, pelo vosso testemunho. . . O que eles sofrem é sede de significado, e Jesus é a Verdade que nos torna livres!"

Conclui a mensagem com veemente insistência: "A vós, por conseguinte, a missão de assegurar no mundo de amanhã a presença de valores tais como a plena liberdade religiosa, o respeito da dimensão personalista do desenvolvimento, a tutela do direito à vida, a promoção da família, a valorização das diversidades existentes entre as culturas para um enriquecimento recíproco, a salvaguarda do equilíbrio ecológico ameaçado por perigos cada vez mais graves" (18 de agosto de 1991).

7. A firmeza da mensagem

João Paulo II entende que "aos jovens não podem bastar alguns ensinamentos morais". Necessário se faz envolvê-los no complexo do mundo, da família, pois o jovem vive num ambiente determinado e tudo que o cerca influi no desenvolvimento de sua personalidade. Neste sentido, "os jovens não devem ser considerados simplesmente como objeto da pastoral da Igreja, mas como sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social" (CfL 46). E continua: "A Igreja tem tantas coisas a dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja".

É importante perceber que João Paulo II fala aos jovens com convicção e profundidade. Insiste no valor da juventude, mas uma juventude fundamentada em Jesus, o Redentor. É ele que convoca os jovens a construírem um mundo novo na justiça e na fraternidade. O seguimento de Jesus é o verdadeiro caminho que preserva os jovens de deixar-se instrumentalizar. Segundo o pensamento de João Paulo II, o jovem deve ser desafiado com uma proposta clara e sólida. Esta proposta passa pela dignidade da pessoa humana, redimida por Jesus Cristo.

Endereço do autor:

ITESC — Caixa Postal 5.041
88041 — FLORIANÓPOLIS, SC

A FORÇA DOS JOVENS, NA PRIMEIRA CARTA DE JOÃO

1Jo 2, 14c)

Pe. Ney Brasil Pereira
Professor de Exegese

Entre os vários textos que, na Bíblia, se referem aos jovens e à juventude, a passagem da primeira carta de João 2, 12-14, é certamente uma das mais significativas. De fato, nesses três versículos nós encontramos, por duas vezes, a bela dedicatória aos jovens "que são fortes" e que, cultivando em sua vida "a palavra de Deus", são "vencedores do Maligno". Antes, porém de situarmos esta passagem no seu contexto, para podermos depois analisá-la e daí tirarmos algumas conclusões, vale a pena transcrevê-la toda, na tradução que me parece a mais próxima do texto original ⁽¹⁾.

Vocês são fortes, pois a palavra de Deus permanece em vocês

v. 12 Eu lhes escrevo, *filhinhos*: os pecados de vocês estão perdoados pelo nome de Jesus.

v. 13a Eu lhes escrevo, *pais*: vocês conhecem Aquele que é desde o princípio.

13b Eu lhes escrevo, *jovens*: vocês venceram o Maligno.
v. 14a Sim, venho escrevendo a vocês, *meninos*: vocês conhecem o Pai.

14b Venho escrevendo a vocês, *pais*: vocês conhecem Aquele que é desde o princípio.

14c Venho escrevendo a vocês, *jovens*: vocês são fortes, pois a palavra de Deus permanece em vocês, e vocês venceram o Maligno.

Se o leitor comparar esta tradução com a de qualquer uma das Bíblias que temos à disposição no momento, incluindo a "Bíblia na linguagem de hoje", da Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, e a "Bíblia Sagrada, Edição Pastoral", de Edições Paulinas, 1990, notará uma série de diferenças, para não dizer divergências. É até estranho que, num texto de vocábulos relativamente comuns e fáceis, haja tantos detalhes passíveis de interpretação diversa. Estranho, mas assim é. Começemos, pois, analisando o texto, para vermos a seguir seu contexto e o contexto da carta à qual o texto pertence, e enfim nos determos na interpretação propriamente dita.

1. O texto (1Jo 2, 12-14)

Apoiando-nos nas pertinentes observações do já citado BROWN 294-305, notamos três problemas maiores: 1) Há alternância de tempo no verbo principal: "escrevo", gr. *gráphō*, nos vv. 12-13 e "escrevi", gr. *égrapsa*, no v. 14. Resumindo as hipóteses, o v. 14 não parece supor alusão a algum escrito precedente (nem ao 4º evangelho, nem à 2 ou 3Jo), nem parece supor a parte já escrita da carta, que poderia ter sido interrompida por algum motivo, e o autor então se referiria ao que já escrevera. Por sinal, o mesmo verbo *gráphō*, no presente, é empregado três vezes antes: em 1,4 (na primeira pessoa plural: "isto lhes escrevemos"), e em 2,7 e 2,8; e a forma *égrapsa*, "escrevi", depois de 2,14 aparece também em 2,21 e 2,26, além de quase no final da carta, no começo do epílogo, em 5,13: "Eu lhes escrevi estas coisas. . ." Resumindo as muitas opiniões, parece tratar-se, em 2,14, de simples variação estilística em relação aos vv. 12-13, reforçando o já escrito: "Eu lhes escrevo" (vv.12-13) e "sim, venho escrevendo. . ." (v.14)

2) Os destinatários são distribuídos pelo autor em três grupos: filhinhos, pais, e jovens, sendo que os "filhinhos", gr. *teknía*, do v.12, correspondem aos "meninos", gr. *paidía*, do v. 14⁽²⁾. Que pretende João com essa tríplice designação? Quereria ele distinguir três estágios de desenvolvimento na fé, a saber, os *neófitos*, recém-convertidos, os *confirmados*, recém-engajados, e finalmente os *líderes* da comunidade, já maduros? Tal é a interpretação, entre outros, de Clemente de Alexandria, entre os antigos, e de STOTT, entre os modernos (cf. BROWN 297 e o próprio STOTT 83). Ou mesmo três diferentes idades da vida — crianças, jovens, adultos — à semelhança de Ireneu em *Adv. Haer.* II, 22,4, o qual apresenta Cristo santificando as várias fases da vida humana pelas quais passou: "Pois ele veio para salvar a todos, por meio de si mesmo — todos, digo, que através dele nascem de novo para Deus — infantes, crianças, adolescentes, jovens e adultos"⁽³⁾

São fortes e lutam, em Cristo, contra o Maligno

Ou interpela João toda a comunidade ao mesmo tempo, uma vez que as características de "criança, jovem e adulto" são simultâneas em cada um de nós? Assim, p. ex., Agostinho, para quem todos os cristãos são "crianças" porque nasceram de novo pelo batismo; são "pais", porque acreditam "naquele que é desde o princípio"; e todos são "jovens" porque são fortes e lutam, em Cristo, contra o Maligno⁽⁴⁾.

Terceira e última interpretação é a que considera João dirigindo-se primeiro a toda a comunidade, interpelando-a conjuntamente como "filhinhos" no v. 12 e como "meninos" no v.14, à semelhança da interpelação de Jesus a seus discípulos na última ceia, em Jo 13,33 (*teknía* — filhinhos) e junto ao mar de Tiberíades, em Jo 21,5 (*paidía* — meninos, com o sentido provável de "garotos", "rapazes"). A seguir, nessa comunidade de "filhinhos" e "meninos", interpelação que já ocorrera em 2,1 e voltará em 2,28; 3,7 e 3,18; 4,4 e, no final da carta, em 5,21, sempre sob a forma de *teknía* — filhinhos, João distingue dois grupos de membros, por ordem de idade ou maturidade: *patéres* — pais, e *neanískoi* — jovens. Aqui, nova surpresa nos prepara João, fugindo aos esquemas normais: esperar-se-ia "anciãos", contrapondo-se a "jovens"; ou "filhos", contrapondo-se a "pais". Poderia esperar-se também, em grego, termos como *presbíteroi*, "mais velhos", contrapondo-se a *neóteroi*, "mais novos"; ou mesmo "bispos"/"presbíteros" contrapondo-se a "diáconos", como em Fl, 1,1 e 1Tm 3,2 e 8⁽⁵⁾.

Mas não. João, por motivos que nos escapam, expressa a totalidade bipolar da sua comunidade em termos de "pais" e

de "jovens", à semelhança — mas uma semelhança original — dos "velhos" e "jovens" que a exprimem em textos como Ex 10,9; Js 6,21; Is 20,4; Ez 9,6; Jl 2,28/3,1 (cf. At 2,18), à semelhança/diferença também dos "pequenos" e "grandes", ou "do menor ao maior", em textos como Gn 19,11; 1Sm 5,9 e, especialmente, Jr 31,34 no seu anúncio da nova Aliança: "Porque todos me conhecerão, do menor ao maior, oráculo do Senhor. . ."

Também na comunidade de Qumrã distinguem-se dois tipos de membros: os menos instruídos e os já iniciados; os "simples de Judá", que cumprem a Lei, e os plenamente iniciados, que participam do conselho da comunidade, segundo o que nos informa o pexer de Habacuc⁽⁶⁾. Notar como Jesus também se refere a semelhante distinção, embora subvertendo-a: é aos infantes, gr. *népioi*, e não aos sábios que Deus se revela (Mt 11,5 e Lc 10,21)!

3) A conjunção *hóti*, traduzida literalmente como "porque", com sentido causal, em praticamente todas as versões, antigas e modernas, desde a Vulgata à Bíblia Pastoral⁽⁷⁾, parece ser melhor traduzida com sentido declarativo, como propusemos, com a TEB, introduzindo os dois pontos em vez do "porque": "Eu lhes escrevo, filhinhos: os pecados de vocês estão perdoados. . ." A diferença pode ser subtil demais, mas o sentido declarativo parece expressar melhor o pensamento de João, que pretende deixar bem claro a seus destinatários, filhinhos/pais/jovens, que são eles, e não os gnósticos separatistas, que estão perdoados", "conhecem o Pai", "venceram o Maligno". . . Notar, aliás, que João sabe usar a conjunção devida, quando quer expressar, p. ex., uma finalidade. Assim, em 2,1 ele explicita a sua intenção: "Eu lhes escrevo, filhinhos, para que (gr. *hína*) não pequem. . ." Da mesma forma, em 5,13: "Escrevi-lhes tudo isto para que vocês. . . saibam que têm a Vida eterna!"

2. O contexto

O contexto próximo de 1Jo 2,12-14 inclui, por oposição, os vv. 15-17 imediatamente seguintes, nos quais os destinatários, "filhinhos/pais/jovens", depois de terem sido tranquilizados sobre o seu estado de salvação (vv.12-14), são exortados a rechaçarem decididamente o amor do mundo (!): "Não amem o mundo e nem o que há no mundo. . ." É o mesmo "mundo" tão amado pelo Pai, que dele recebe o dom de seu Filho (Jo 3,16) mas que, obstinando-se em acolhê-lo, torna-se indigno da oração do mesmo Filho: "Por eles eu rogo, não pelo mundo. . ." (Jo 17,9) Mundo, porém, que, mesmo odiando os discípulos, como já odiara o Mestre (Jo 15, 18-19), terá ainda a chance de recebê-los, os discípulos, como enviados do Filho: "Como tu me enviaste ao mundo, assim também eu ao mundo os envio" (Jo 17,18).

Ainda quanto ao contexto próximo literário: a unidade dos vv. 2,12-14,15-17 por sua vez tem relação com o que precede (2,3-11): é preciso fazer a vontade de Deus observando seus mandamentos, que se resumem no mandamento do amor fraterno, e com o que segue (2,18-27): os "filhinhos" do autor da carta deverão preservar-se dos "anticristos", que "saíram do meio de nós mas não eram dos nossos" e que, negando ser Jesus o Messias, "negam o Pai e o Filho" (2,23).

Percebemos o contexto conflitivo dessas cartas joaninas

Com esta menção dos "anticristos", figura apocalíptica que João desmitiza, identificando-os nos separatistas da própria comunidade — "eles saíram do meio de nós" — percebemos o contexto conflitivo dessas cartas joaninas, a 2ª e 3ª das quais sendo bilhetes assinados pelo "Presbítero" que a tradição identificou com o Apóstolo, considerado autor também da 1ª, esse escrito admirável que nada fica a dever ao 4º evangelho, com cujo estilo tem parentesco inegável.

BROWN, o exegeta americano que, como o alemão SCHNACKENBURG, produziu extensos comentários tanto ao 4º evangelho como às cartas joaninas, escreveu interessante livro de 200 páginas sobre "A Comunidade do Discípulo Amado"⁽⁸⁾, isto é, a comunidade no meio da qual foi elaborado o 4º evangelho e, depois, abordando problemas surgidos com a interpretação conflitiva da alta cristologia joanina, também o conjunto das três cartas.

Salta aos olhos o contexto sócio-ecclesiológico diferente do 4º evangelho, comparado com o das cartas, mesmo se produzidos, um e outras, na mesma comunidade. É que o 4º evangelho, cuja redação começa, num primeiro estágio, na Palestina, e que se apresenta, no seu epílogo, como um escrito missionário, ad extra, *para que seus leitores creiam*⁽⁹⁾ que Jesus é o Cristo e, crendo, tenham a Vida em seu nome (cf. Jo 20,31), supõe um confronto mais ou menos tenso com "o mundo" (= o Império Romano? o sistema e a sociedade do Império?) e com "os judeus" (estes, visados mais nos capítulos 5-12), com os discípulos do Batista (nos capítulos 1 e 3), com os "cripto-cristãos", isto é, judeu-cristãos ainda ligados à Sinagoga e sem coragem para o desenlace, e com os próprios gnósticos helenistas, cuja linguagem João assimila, desmitizando-a⁽¹⁰⁾. Ao contrário do 4º evangelho, as cartas joaninas são escritos claramente intra-ecclesiais, ad intra, dirigidos a discípulos fiéis do autor, os quais, como diz o início do epílogo da 1ª carta, *já creem* "no nome do Filho de Deus, e por isso devem estar conscientes, devem saber que já possuem a vida eterna (cf. 1Jo 5,13)!"

Esses discípulos fiéis, no entanto, correm o risco de ser desviados

Esses discípulos fiéis, no entanto, correm o risco de ser desviados, "seduzidos" por muitos "sedutores" que "não reconhecem Jesus como o Messias encarnado" e que "avançam e não permanecem" na reta doutrina (cf. 2Jo), que sofrem a ambição de falsos líderes como Diótrefes, o qual "ambiciona o primeiro lugar" e não recebe os enviados do Ancião, difamando-o com palavras mal-intencionadas (cf. 3Jo).

Isto é, a comunidade joanina, pelo que apreendemos desses documentos autênticos da sua história, não se apresenta absolutamente como o idílio do amor fraterno que marcou pelo menos os momentos iniciais da comunidade de Jerusalém, segundo a descrição de Lucas em At 2,42-47 e 4,32-35: "perseverantes na comunhão fraterna... um só coração e uma só alma...".

Pelo contrário, a comunidade joanina, como aliás também as comunidades paulinas (cf. as cartas aos coríntios, aos filipenses, aos gálatas: quantas lutas internas, quantas defesas Paulo faz do seu apostolado!), a comunidade de Tiago (quantos desmandos Tiago nela reprova!) e também as igrejas do Apocalipse (cf. Ap 2-3), foi uma comunidade de árduos conflitos, não só ad extra, com "o mundo", a sociedade, o Império Romano (cf. o Apocalipse!), mas também ad intra: se "a águia joanina parece sobrepair a terra", no 4º evangelho, já "nas cartas descobrimos seus filhotes debatendo-se entre si pela posse do ninho"⁽¹¹⁾.

3. A interpretação

Tendo visto, embora resumidamente, o texto e seu contexto, podemos agora passar para a interpretação propriamente dita da palavra de João aos "jovens" da sua comunidade. Começaremos investigando, em 3.1, o sentido de "jovens" (gr. *neanískoi*), para depois, em 3.2, investigarmos o que significa a sua *força* ("vocês são fortes"), a *Palavra* que neles permanece, e sua *vitória* sobre o Maligno.

3.1 Os "jovens". Já vimos, na análise geral do texto que nos ocupa, como João distingue, na sua comunidade de "filhinhos" (também "meninos" em 2,14a), duas categorias de discípulos: os "pais" e os "jovens". Já observamos também como isto é surpreendente, porque seria mais lógico a "pais" contrapor "filhos", como também a "jovens", "anciãos". Quem seriam, pois, estes "jovens" (gr. *neanískoi*) da comunidade joanina?

Antes de respondermos diretamente a esta pergunta, parece interessante recordar alguns textos bíblicos que se referem aos jovens (é claro que a título de amostra, sem pretendemos ser exaustivos). Entre os *textos positivos*, favoráveis à juventude, podemos começar com uma passagem de Amós, referente aos jovens nazireus: "Suscitei dentre vossos filhos, profetas, e dentre vossos *jovens*, nazireus" (Am 2,11). A esse texto soma-se a profecia de Joel, que Pedro vê realizar-se no dia de Pentecostes: "Derramarei meu Espírito sobre toda carne... vossos anciãos terão sonhos e vossos *jovens*, visões (Jl 2,28-29 = 3, 1-2, cf. At 2, 17-18). O sábio Coélet encontra mais valor num "*jovem* pobre mas sábio do que num "rei velho e insensato, que não sabe aceitar conselhos" (Ecl 4,13). O mesmo sábio dá o seguinte conselho aos jovens, inicialmente com muita abertura, mas depois recordando o juízo: "alegra-te, *jovem*, na tua juventude, e regozija-te na flor da idade. Vai aonde o coração te leva e os olhos te atraem,

"Lembra-te do Criador na tua juventude

mas fica ciente de que sobre tudo isto Deus te fará entrar em julgamento" (Ecl 11,9). Prossegue ainda o Sábio, recomendando a lembrança de Deus na juventude, quando o vigor juvenil poderia fazer-nos esquecer da sua presença: "Lembra-te do Criador na tua juventude, antes que cheguem os dias dos achaques e se aproximem os anos dos quais dirás: 'Não tenho prazer neles...' (Ecl 12,1). Também o autor dos Provérbios focaliza os jovens, dos quais diz que "seu ornato é sua força"⁽¹²⁾, enquanto "o adorno dos velhos é suas cãs" (Pr 20,29). Aliás, um dos objetivos do seu livro é, justamente, "ensinar sagacidade aos simples e sabedoria e reflexão aos *jovens*" (Pr 1,4). Da mesma forma o Sirácida, falando da sua experiência aos jovens das "boas famílias" de Jerusalém, aos quais dirige seu livro, recomenda-lhes discrição e modéstia nos banquetes: "Fala, ó *jovem*, se precisas fazê-lo, mas não mais de duas vezes, caso sejas interrogado. Resume a fala, dizendo muito em poucas palavras; sê como aquele que sabe, mas fica calado. No meio dos grandes não ostentes autoridade; e onde há anciãos, não tagareles muitas coisas..." (Ecl 32,7-9).

Entre os *textos negativos*, bem menos numerosos, vale a pena recordar 1Rs 12,8-14 e seu paralelo 2Cr 10,8-14, sobre os insensatos jovens amigos de Roboão, filho e sucessor de Salomão, que havia recebido do povo o pedido de aliviar o jugo de seu pai. Os anciãos da corte o aconselharam a que atendessem o povo. Roboão, porém, consulta ainda os *jovens* que foram seus companheiros de infância e o assistiam. E estes, levemente, o aconselham a endurecer mais ainda, a tornar ainda mais pesado o fardo que Salomão impusera ao povo... Resultado: as tribos do Norte separam-se da dinastia de Davi e consuma-se o Cisma! Outro texto negativo sobre os jovens é do c.7 dos Provérbios, onde o Sábio, advertindo contra os perigos de sedução da "mulher estrangeira, estranha cuja palavra é sedutora" (Pr 7,5) descreve como "jovens ingênuos" e, "entre as crianças, um rapaz sem juízo", que se encaminha "ao entardecer, no coração da noite e da sombra", para a casa da adúltera. Esta o precede, vai ao seu encontro, atrai-o... e "o infeliz corre atrás dela, como o boi vai ao matadouro..." (cf. Pr 7,6-23). Também o II Isaías, para reforçar o contraste com o vigor renovado dos que "põem

sua esperança em Javé", observa que "mesmo os jovens se cansam e se fatigam, até os moços começam a tropeçar. . ." (Is 40,30-31).

Nos evangelhos, é conhecida a cena do "jovem" rico, em Mt 19,16-22⁽¹³⁾, o qual não se sente com coragem para a renúncia total que Jesus lhe propõe, e "retira-se pesaroso, porque possuía muitos bens". Por outro lado, em Lc 7,14, o jovem filho da viúva de Naim, recém-falecido e sendo transportado ao cemitério, ouve a poderosa palavra de Jesus, que o devolve à sua mãe: "Jovem (gr. *neaniske*), eu te ordeno, levanta-te!" Em Jo 21,18, no belo diálogo entre Jesus e Pedro, às margens do "mar de Tiberíades", Jesus alude à liberdade de movimentos própria do jovem, quando anuncia a Pedro o seu martírio: "Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais moço (gr. *neôteros*), tu te cingias e andavas por onde querias; quando envelheceres, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres ir".

Nas cartas apostólicas, além das exortações aos "filhos" em Ef 6,1 e Cl 3,20, temos algumas exortações aos jovens, p. ex. na primeira carta de Pedro, onde há uma contraposição entre os mais jovens (gr. *neôteroi*) e os mais velhos (gr. *presbýteroi*) da comunidade, sendo aconselhada a submissão⁽¹⁴⁾ daqueles a estes: "Jovens, sejam submissos aos mais velhos". Na carta a Tito, o Apóstolo o adverte a exortar os jovens, gr. *neôteroi*,

"Ninguém te menospreze por seres jovem"

a terem "bom senso em tudo" (Tt 2,6). E na primeira carta a Timóteo, depois de garantir-lhe que a sua jovem idade, gr. *neotês*, não deve impedi-lo de ser reconhecido como seu porta-voz autorizado (cf. 1Tm 4,12: "Ninguém te menospreze por seres jovem"), Paulo o aconselha a exortar os jovens como a irmãos, assim como os anciãos como a pais (cf. 1Tm 5,1).

Quem, pois, são os "jovens", gr. *neanískoi*, da primeira carta de João? Seriam os moços da comunidade, os que se encontravam na faixa etária dos 18 aos 25 aproximadamente, cheios portanto de vigor e, também da turbulência da juventude? Ou seriam os recém-convertidos, mesmo se adultos, "jovens" por contraposição aos "pais", e ainda "jovens" por não terem tido a experiência madura desses "pais", que possuem o conhecimento daquele "que era desde o princípio", isto é, o Cristo, tal como foi revelado e apreendido no começo da experiência cristã (cf. 1Jo 1,1)? Ou seriam ambos, moços e recém-convertidos, estes em todo caso participando das qualidades juvenis daqueles? O fato é que João lhes dá atenção especial, e os interpela como tais, isto é, como *jovens*⁽¹⁵⁾, com todo o fascínio e com todas as implicações (cf. os textos bíblicos acima) que esse termo traz em si.

Estariam as jovens incluídas na interpelação joanina? Nossa sensibilidade hoje sente falta de explicitar o feminino, o que não ocorre ainda com os autores bíblicos, mesmo com João, que dá tanta atenção às mulheres no seu evangelho⁽¹⁶⁾, e no entanto não lhes faz a mínima referência em suas cartas. Como o observa porém, Cornélio A LÁPIDE, o grande comentarista jesuíta do século XVII, o testemunho das jovens mártires cristãs como Inês, Luzia, Cecília, Águeda etc., comprova suficientemente a força e a vitória também das jovens, ao lado dos jovens aos quais o Apóstolo explicitamente se dirige.

3.2 A força, a Palavra, e a vitória dos jovens: "Vocês são fortes, pois a palavra de Deus permanece em vocês, e vocês venceram o Maligno" (1Jo 2,14c). Trata-se da mais elaborada interpelação a um dos dois subgrupos de destinatários do autor. Provavelmente porque estes, sendo "jovens", seriam mais vulneráveis que os "pais" aos atrativos do "mundo" (2,15-17) e à propaganda secessionista dos "anticristos" (2, 18-26), pelo fato de não

terem tido, como os "pais", a experiência daquele e daquilo que era "desde o princípio" (2,13 e 1,1).

"Sê forte e corajoso, porque farás este povo herdar a terra. . ."

3.2.1 A força — "vocês são fortes" (gr. *ischyróti*). Impressiona esta declaração de João a seus "jovens", reconhecendo que são "fortes", quando tantos textos bíblicos anteriores apresentam não a declaração, mas a exortação, p. ex., de Moisés a Josué: "Sê forte e corajoso, pois tu entrarás com todo este povo na terra. . ." (Dt 31, 7 e 31, 23); do próprio Deus a Josué, repetidamente, no cap. 1 do livro homônimo: "Sê forte e corajoso, porque farás este povo herdar a terra. . . Não temas e não te apavores, porque Javé teu Deus está contigo. . ." (Js 1, 6. 7. 9. 18); de Moisés aos israelitas, em Dt 31, 6, e do próprio Josué, por sua vez, também aos israelitas: "Não temam nem se acovardem, mas sejam fortes e corajosos" (Js 10, 25); de Davi, idoso, ao jovem Salomão: "Sê forte e porta-te varonilmente" (1Rs 2, 2); no livro do profeta Ageu: "Agora, pois, sê forte, Zorobabel, oráculo de Javé; sê forte, Josué, filho de Josedec, sumo sacerdote; sede fortes, vós, povo da terra, e trabalhai, porque eu estou convosco, oráculo de Javé dos exércitos. . ." (Ag. 2, 4).

Impressiona, também, esta declaração joanina, tendo em vista o fato, já ressaltado por Jesus no diálogo com o seu rico interlocutor em Mc 10, 17, de que só Deus é forte, assim como "só ele é bom". Já o reconheceu o salmista: "Quem é como tu, Javé, Deus dos exércitos? Só tu és forte. . ." (Sl 89, 9), como também Anã em seu cântico: "Ninguém é forte como o nosso Deus!" (1Sm 2,2c na Vulgata). Por isso também Jeremias, na última e mais famosa de suas Confissões, reconhece que Javé é "mais forte", e sendo assim o dominou e o seduziu. . . (cf. Jr 20, 7). Por isso também o autor do Apocalipse proclama que "é forte o Senhor", o Deus que julgou Babilônia (cf. Ap 18, 8), que só a ele pertencem "o poder e a força" (Ap 7, 12), e por três vezes menciona o "anjo forte" que anuncia e realiza os divinos desígnios (Ap 5, 2; 10, 1; 18, 21).

Entre os dons do Messias o profeta enumera o "espírito de fortaleza" (Is 11, 2), isto é, o carisma da força, que corresponde a um dos nomes divinos do menino-rei de Is 9: "Deus forte" (lit. "Deus guerreiro" ou "Herói divino", cf. Is 9, 5b). E o Precursor referir-se-á a esta força do Messias ao proclamar: "Aquele que vem depois de mim é mais forte (gr. *ischyróteros*) do que eu" (Mt 3, 11 e paralelos). Da mesma forma, a parábola sinótica do "forte" que é vencido pelo "mais forte" (cf. Lc 11, 21-22 e paralelos), isto é, Satã sendo vencido por Jesus ou por seus discípulos em seu nome, proclama igualmente que "o forte mais forte" é Jesus. E é pela força de Jesus que os jovens da comunidade joanina são logo proclamados vencedores, e vencedores porque decididamente empenhados numa luta cujo desfecho está garantido: "Tenham confiança, eu venci o mundo!" (Jo 16, 33).

Fortes, portanto, não para repousar, mas para lutar! Contra quem e contra quê? Contra o Maligno e contra o "mundo", logo a seguir caracterizado pelos seus atrativos (cf. 1Jo 2, 16): a "concupiscência da carne" (desejos da carne, fechada ao espírito), a "concupiscência dos olhos" (curiosidade, mesclada da cobiça, de tudo o que se vê), e a "soberba da vida" (confiança orgulhosa nos bens e recursos humanos)⁽¹⁷⁾. Luta com vitória garantida, sem dúvida, desde que a "palavra de Deus" neles permaneça.

3.2.2. A Palavra — "a palavra de Deus permanece em vocês" (2, 14c). Um dos verbos preferidos de João é "permanecer" (gr. *mênein*), empregado 40 vezes no quarto evangelho e 23 vezes na primeira carta, além de mais três vezes nos poucos versículos

são fortes e vencedores porque a palavra de Deus neles permanece!

da segunda carta, enquanto os três Sinóticos o empregam 12 vezes ao todo. Assim, o sinal de condenação dos adversários de Jesus é o fato de que a palavra do Pai “não permanece” neles (Jo 5, 38), exatamente o contrário do que aqui se diz dos jovens da comunidade joanina, que são fortes e vencedores porque a palavra de Deus neles permanece! Em Jo 6, 27 Jesus recomenda, aos que o procuram após a multiplicação dos pães, que trabalhem “pelo alimento que permanece até a vida eterna”. Em Jo 8, 31 Jesus promete a libertação verdadeira aos que “permanecerem na sua palavra”, isto é, aos que aceitarem que a Palavra permaneça neles, como nos jovens da comunidade joanina. Em Jo 15, na alegoria da Videira, o tema da “permanência” em Jesus é insistente: “Permaneçam em mim, como eu em vocês” (15, 4). . . “Aquele que permanece em mim e eu nele, esse produz fruto abundante” (15, 5b). . . “Se alguém não permanece em mim, é lançado fora, como o ramo seco. . .” (15, 6). Em 15, 7 temos a síntese: “Se permanecerem em mim e minhas palavras permanecerem em vocês”. . . Também em 15, 10: “Se observarem meus mandamentos, vocês permanecerão em meu amor”. . . E ainda: “Fui eu que escolhi vocês e os designei para que vão e produzam fruto, e o fruto de vocês permaneça!” (15, 16).

Em sua primeira carta, João insiste nos critérios dessa “permanência”: “Quem diz que permanece nele (=em Jesus), deve andar como ele andou” (1Jo 2, 6), isto é, deve imitar a prática de Jesus. Em 2, 10 João apresenta o critério do “permanecer” na luz: é amar o irmão! Em 2, 17 lemos a promessa: “Quem faz a vontade de Deus, esse permanece para sempre!” Em 2, 19 novamente um critério, desta vez para identificar os “anticristos”, os secessionistas: “Saíram dentre nós mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, *teriam permanecido* conosco. . .” Em 2, 24 encontramos um triplice permanecer: “Procurerem que permaneça em vocês o que ouviram desde o princípio (isto é, desde o primeiro contacto com o querigma cristão). Se em vocês permanecer o que ouviram desde o princípio, então vocês também permanecerão no Filho e no Pai!” Da mesma forma, em 2, 27, numa declaração que exprime, como tantas vezes nesta carta, não um voto mas uma certeza: “Quanto a vocês, a unção que receberam dele (a unção interior, do Espírito, recebida de Jesus) *permanece* em vocês!” Segue, no fim do mesmo v. 27 e no v. 28, reiterada, a exortação: “Permaneçam nele!”

Novo critério da verdadeira permanência, em 3, 6: “Todo o que permanece nele, não peca!” e também em 3, 9: “Não peca o que nasceu de Deus, porque a semente divina (da Palavra) permanece nele. . .” É tragicamente possível, porém, “permanecer” na morte: “deixando de amar” o irmão, como nos lembra o Apóstolo em 3, 14. E no v. 15, interpretando a omissão como verdadeiro homicídio, afirma: “Nenhum assassino tem a vida eterna permanecendo nele!” Em 3, 17, novamente focalizando

Aquele que guarda os mandamentos permanece em Deus

o pecado que, também segundo Mt 25, 31-46, será o responsável pela nossa condenação, reafirma que o amor de Deus *não permanece* naquele que, “possuindo os bens deste mundo, e vendo o irmão em necessidade, lhe fecha o coração”. . . Em 3, 24, novamente o critério: “Aquele que guarda os mandamentos permanece em Deus e Deus nele; e nisto reconhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu”.

Em 4, 12, o critério é o amor fraterno: “Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós”, enquanto em 4, 15 o critério é doutrinal, cristológico: “Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus”. Em 4, 16, retomando a afirmação capital já apresentada em 4, 8, João nos afirma: “*Quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele, porque Deus é amor!*” Não diferentemente, a segunda carta fala da “verdade que permanece em nós” (novamente uma declaração, um fato, não uma exortação), e fala também da necessidade de, mesmo “avanzando”, “permanecer na doutrina do Cristo”⁽¹⁸⁾. E conclui que “o que permanece na doutrina (autêntica), esse é o que possui o Pai e o Filho”.

“Permanecer”, portanto, na palavra, permanecer no amor (de Deus e dos irmãos), permanecer na luz, permanecer na comunidade, permanecer na reta doutrina, permanecer em Jesus, permanecer em Deus, todas são “permanências” equivalentes e mútuas. Se João diz dos “jovens” da sua comunidade que “a palavra de Deus permanece neles” (1Jo 2, 14c), é porque eles estão permanecendo “na palavra de Deus”, como aliás o explicita o próprio Jesus na sua promessa em Jo 15, 7: “Se vocês permanecerem em mim e as minhas palavras permanecerem em vocês, peçam o que quiserem. . .”

Qual é, porém, “a palavra de Deus” à qual os jovens da comunidade joanina estão aderindo com tanta firmeza, a ponto de haurirem dela a força que os torna “fortes” na luta e já vitoriosos, “vencedores do Maligno”? — Não é o caso de nos estendermos aqui em toda uma digressão sobre esse conceito tão vasto, que abrange afinal toda a revelação, mas também não podemos deixar de ressaltar o alcance cristológico que João lhe dá, apresentando o Cristo como a Palavra que “estava no princípio em Deus e era Deus” e que, “assumindo a condição humana, armou sua tenda entre nós” (cf. Jo 1, 1-14). Ele é também a “palavra da Vida” que se manifestou entre nós, que “vimos com nossos olhos” e que “nossas mãos apalparam”, como o lembra com emoção o início da primeira carta (1Jo 1, 1-2). Mas ele é também, para os ímpios, os injustos, os seqüezes da Besta e do Falso Profeta, o “cavaleiro Fiel e Verdadeiro, que julga o combate com justiça, revestido de um manto embebido em sangue, e cujo nome é “Palavra de Deus” (cf. Ap 19, 11-13). Pois bem, creio que é esta dimensão cristológico-apocalíptica da Palavra que enfrenta a injustiça, a mentira, a maldade em todas as suas formas, em todas as atuações do Maligno, é esta dimensão que melhor responde à breve, mas tão densa interpelação de João a seus “jovens” que, sendo “fortes” e “vencedores”, estão empenhados numa luta decisiva⁽¹⁹⁾. Clima parecido, embora em tom exortativo, é o que respiramos no final da carta aos efésios, em que seu autor alude à “espada do Espírito, que é a Palavra de Deus” (Ef 6, 17b, mas cf. todo o texto: 6, 10-17)⁽²⁰⁾.

3.2.3. A vitória — “vocês venceram o Maligno” (2, 14c, repetido de 13b). Não tantas vezes como o verbo *permanecer*, também o verbo *vencer* ocorre mais vezes em João do que em qualquer outro autor do Novo Testamento. Uma única vez nos quarto evangelho⁽²¹⁾, embora num texto capital: “No mundo vocês encontrarão tribulações, mas tenham coragem: eu venci o mundo!” É sabido que esse “venci”, no perf. gr. *nenikēka*, tem o sentido de perduração: venci e venço, continuo vencendo. . . Na primeira carta, além das duas ocorrências nesta passagem dirigida aos “jovens”, temos 4 empregos do verbo, além do substantivo “vitória” em 5, 4, e ainda 16 (dezesseis) ocorrências no Apocalipse. Assim, na 1Jo 4, 4, o autor escreve aos “filhinhos”, referindo-se aos “falsos profetas que vieram ao mundo” e infestam

a comunidade: "Vocês são de Deus e os venceram" (gr. *nenikê-kate*, perf. com sentido de perduração, cf. supra), da mesma forma que os "jovens" venceram, são vencedores do Maligno,

Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé!

segundo 2, 13b e 14c. Em 5, 4-5 o autor afirma insistentemente que, assim como o próprio Jesus (em Jo 16, 33), "todo aquele que nasceu de Deus *vence o mundo*, pois esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé!" E continua, triunfante; "Quem é o vencedor do mundo, se não aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?"

Não é de estranhar que o Apocalipse, livro da esperança e da resistência cristã, fale tantas vezes em "vencer", justamente porque convida a lutar e testemunhar. Assim, nos capítulos 2 e 3, cada uma das cartas às sete igrejas termina por solene promessa "ao vencedor", isto é, àquele que, perseverando na luta, for digno da vitória (cf. Ap 2, 7. 11. 17. 26; 3, 5. 12. 21). No cap. 5, onde pela primeira vez aparece o Cordeiro, "de pé e como imolado" (5, 6), se afirma que ele é vencedor, "venceu", e por isso é capaz, o único capaz de abrir o Livro lacrado (5, 5) que ninguém, no céu nem na terra nem debaixo da terra, tinha sido capaz de abrir (5, 3). No cap. 6, na abertura do primeiro dos sete selos, a marcha da história é deslanchada pelo montador do cavalo branco, ao qual é dada a coroa, símbolo de realeza e de vitória, e "ele parte, vencedor e para continuar vencendo" (6, 2). No cap. 11 antecipa-se a ação da Besta "que sobe do abismo" e cuja origem é descrita no cap. 13: ela "combaterá" contra as duas Testemunhas que "têm a missão de profetizar" (11, 3), e "as vencerá e as matará" (11, 7), como novamente se diz da Besta no cap. 13: "foi-lhe dada a permissão de guerrear contra os santos e vencê-los", mesmo se temporariamente! São, aliás, as duas únicas vezes em que a vitória, embora temporária, é atribuída, não a Cristo nem aos que "permanecem" nele, mas ao instrumento de Satanás, a Besta, que o Apocalipse claramente identifica com Roma. No cap. 12, 11 se canta a vitória dos que "venceram o Dragão pelo sangue do Cordeiro e pela palavra da qual deram testemunho..." No cap. 15, 2-3 o vidente vê "os que venceram a Besta, sua imagem e o número do seu nome, de pé sobre o mar de vidro, cantando o cântico de Moisés e o do Cordeiro", celebrando o Êxodo definitivo! No cap. 17, 14 menciona-se a guerra dos 10 reis, vassalos da Besta, contra o Cordeiro, "mas o Cordeiro os vencerá, porque ele é Senhor dos senhores e Rei dos reis, e com ele estarão os chamados, os escolhidos, os fiéis!" Finalmente, no "novo céu e nova terra" (21, 1), quando se fizerem "novas todas as coisas" (21, 5), proclamar-se-á definitivamente: "O vencedor — aquele que venceu a sua luta — receberá em herança estas coisas..."

Quem fala em vitória supõe luta, batalha, guerra

Ora, quem fala em vitória supõe luta, batalha, guerra. Contra alguém ou alguma coisa. E João explicita: a guerra é *contra* "o Maligno", o Diabo, personagem maléfico que o quarto evangelho chama também "Santanás" uma única vez, em Jo 13, 27 e, por três vezes, "Príncipe deste mundo": primeiro, afirmando a vitória de Jesus sobre ele e sobre a sua esfera de influência, o mundo: "É agora o julgamento do mundo, agora o Príncipe deste mundo será lançado fora" (Jo 12, 31); segundo, afirmando

a sua impotência contra Jesus: "O Príncipe deste mundo está vindo, mas nada pode contra mim" (Jo 14, 30); terceiro, anunciando a sua condenação definitiva, posta às claras pelo Paráclito: "O Príncipe deste mundo já está julgado!" (Jo 16, 11). Também o termo "diabo" ocorre três vezes no quarto evangelho: primeiro, em 6, 70, quando Jesus diz de Judas, um dos Doze (!), que ele é um "Diabo"⁽²²⁾; segundo, em 8, 44, quando Jesus afirma que o Diabo "é homicida desde o princípio... mentiroso e pai da mentira"; terceiro, em 13, 2, quando o evangelista atribui ao Diabo o projeto, instilado no coração de Judas, de trair Jesus... Também na primeira carta joanina ocorre o termo, por três vezes, em 3, 8: "Aquele que comete o pecado é do Diabo, pois o Diabo é pecador desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do Diabo..." Mas o termo mais frequente na carta é "o Maligno", encontrado uma só vez no quarto evangelho, na oração sacerdotal de Jesus, em Jo 17, 15: "Não peço que os tires do mundo, mas que os preserves do Maligno", pedido semelhante à última súplica do Pai-nosso em Mateus (Mt 6, 13)⁽²³⁾. Além da afirmação reiterada de que seus "jovens" venceram "o Maligno" (2, 13b e 14c), a primeira carta lembra ainda que "do Maligno" era Caim, que matou o seu irmão (3, 12), e que "o mundo inteiro está sob o poder do Maligno" (5, 19), embora este não possa atingir "todo aquele que nasceu de Deus" (cf. 5, 18).

BROWN 304 observa que não há clara evidência pré-cristã desse título, "o Maligno", para designar o Diabo, nem é frequente seu uso na literatura rabínica, embora ocorra nos escritos mandeus e nas "Odes de Salomão". O mesmo autor lembra que, se os autores joaninos não falam da possessão diabólica, frequente nos Sinóticos, no entanto concentram-se nesse personagem cósmico maléfico cujos instrumentos humanos resistem ao plano de Deus revelado em Jesus, uma vez que o fim dessa revelação era "destruir as obras do Diabo" (cf. 1Jo 3, 8). As outras referências do Novo Testamento ao "Maligno" concordam em que sua atividade prossegue e é perigosa: segundo Mt 13, 19 é o Maligno que arrebatava a semente da Palavra semeada no coração, antes que se enraizasse; também segundo Mt 13, 38 são "filhos do Maligno" as plantas de joio semeadas no meio do trigo; em Ef 6, 16 Paulo aconselha-nos a sobraçar "o escudo da fé, para podermos extinguir os dardos inflamados do Maligno", enquanto na 2Ts 3, 3 ele nos assegura: "O Senhor é fiel, há de manter vocês firmes e os guardará do maligno".

É a força da "palavra de Deus" que neles permanece

Conclusão

Qual é, pois, a força invencível dos jovens da comunidade joanina, força também hoje, dos jovens das nossas comunidades? É a força da "palavra de Deus" que neles permanece, se e enquanto permanece! Palavra que não é apenas informação, erudição, conhecimento exterior da Bíblia, mas, como expusemos acima, em 3.2.2, é o próprio Jesus Cristo, Palavra viva do Pai, Palavra justiceira que enfrenta e debela o Maligno e todos os seus agentes na sociedade e no mundo em que vivemos, neste final do século XX como no final do século I. É Ele que, de fracos, nos torna fortes, como já o proclamava Paulo aos filipenses: "Eu posso tudo, naquele que me fortalece" (Fl 4, 13). E é também Ele que envia nossos jovens, como outrora Javé a Gedeão, diante da ameaça dos madianitas: "Vão, e com esta força que vocês têm, libertem o meu povo. Sou eu que os envio!" (cf. Jz 6, 14)

NOTAS

(1) Levo em conta, na tradução, as sugestões de BROWN, R. E., no seu grande comentário das cartas de João, "The Epistles of John", Col. Anchor Bible, Doubleday, N. York, 1982, pp. 293-328. Além de BROWN, consulte também os seguintes comentadores, que, quando citados, o serão só pelo sobrenome e número da página:

SCHNACKENBURG, R., "Cartas de San Juan", Barcelona, Edit. Herder, 1980, trad. do original alemão de 1974, 5ª ed.

STOTT, J. R. W., "I, II e III João", Introd. e Comentário, Série Cultura Bíblica, Ed. Vida Nova e Mundo Cristão, SP, 1982, trad. do original inglês de 1964.

ZEVINI, G., "uma comunidade que ama — As três cartas de João às igrejas da Ásia", Edit. Salesiana D. Bosco, SP, 1987, trad. do original italiano.

CHAMPLIN, R. N., "O Novo Testamento interpretado versículo por versículo", vol. VI, Distribuidora Milenium, SP, 1982.

AGOSTINHO (Santo), "Comentário da 1ª Epístola de S. João", Ed. Paulinas, SP, 1989 (trad. do original latino).

(2) Etimologicamente, como observa STOTT 84, "tekniá salienta a associação natural entre a criança e seu pai (de tekein, gerar ou procriar), ao passo que paidiá se refere à menoridade da criança como alguém sob disciplina (de paiduein, adestrar, castigar)".

(3) Cit. em CHAMPLIN, R. N., 240.

(4) Assim BROWN 298 sintetiza o pensamento de AGOSTINHO.

(5) BROWN 299 faz interessante observação: "Como os epískopoi eventualmente tornaram-se distintos dos presbíteroi e superiores a eles, nos escritos de Inácio de Antioquia (primeira década do século II), assim também os diákonoi parecem ter-se tornado distintos dos neóteroi e também superiores a eles, como se vê na carta de Policarpo aos filipenses (5, 3), na metade do século II".

(6) Pexer é o midrax que atualiza o texto profético. Cf. BROWN 299, que cita 1Qpab 12, 4-5.

(7) Única exceção, quanto me consta, em português, é a TEB (= Tradução Eclética da Bíblia, ed. Loyola, SP, 1987, trad. do original francês de 1972), além de exegetas recentes como BROWN, SCHNACKENBURG, BOISMARD, BONSIRVEN, MALATESTA, RIVERA etc, cf. BROWN 300-301.

(8) BROWN, R. E., "A Comunidade do Discípulo Amado", Ed. Paulinas, 1984, trad. do original americano de 1979, com o seguinte expressivo subtítulo: "A vida, amores e ódios de uma igreja particular na época do Novo Testamento". Ver a breve revisão escrita por ANDERSON, Ana Flora, em "Estudos Bíblicos" n. 2, Vozes 1984, p. 79-80.

(9) O subjuntivo do presente, no texto original, poderia implicar sobretudo "o progresso na fé entre aqueles que já pertencem à comunidade dos que crêem; mas uma intenção missionária é também possível", como o lembra a Nota da TEB (já cit. acima) a este versículo.

(10) Sirva como exemplo o mito do Lógos, a Palavra, que se faz "carne", assumindo a condição humana e tornando-se a pessoa histórica de Jesus de Nazaré (cf. Jo 1, 14).

(11) Cf. a contracapa do cit. livro de BROWN, R. E., "A Comunidade do Discípulo Amado".

(12) Curiosa transformação desse texto lemos na tradução dos Setenta, que menciona a sabedoria, e não a força, como o "ornato" dos jovens.

(13) Notar que, dos três Sinóticos, só Mt, nos vv. 20 e 22, refere-se

ao personagem como "jovem" (gr. neanískos), enquanto Mc e Lc, nos textos paralelos (Mc 10, 17-22 e Lc 18, 18-23), não lhe atribuem essa característica de juventude. E até o fazem dizer a Jesus: "Tudo isto observei desde a minha mocidade", supondo, pois, um personagem adulto, que Lc 18, 18 qualifica de "homem de posição", gr. archôn.

(14) Sobre a submissão mútua, entre cristãos, cf. minhas observações à "submissão da mulher nas cartas paulinas posteriores", in PEREIRA, N. B., "A mulher em Paulo", art. em "Encontros Teológicos" n. 8 (1990/1), p. 7-8.

(15) Talvez a etimologia nos revelasse algo da palavra "jovem", do lat. juvenis, mas não encontrei mais do que o próprio vocábulo juvenis e seus cognatos como o adj. juvenilis, juvenil; juvenália, festas romanas da mocidade, especialmente o juvenális dies, acrescentado por Calígula às Saturnales; juvenculus, juvenzinho; juvenis, mocidade etc (Cf. QUI-CHERAT/SARAIVA, "Novíssimo Dicionário Latino-Português", Livr. Garnier, Rio de Janeiro/Paris, 1927).

(16) Cf. o Apêndice II do já cit. livro de BROWN, R. E., "A Comunidade do Discípulo Amado", p. 193-209: "Papéis de mulheres no quarto evangelho".

(17) Esta tríplice característica do "mundo", sem ser exaustiva, não deixa de ser significativa ainda hoje, podendo ser expressa por outras tríades equivalentes: o prazer, o ter, o poder... ou o pan-sexualismo, o materialismo, o secularismo... quem sabe, representados ideologicamente por FREUD, MARX, NIETZSCHE.

(18) Como o explica a Nota da Bíblia de Jerusalém, pode tratar-se tanto do ensinamento prático de Jesus como da reta doutrina cristológica a seu respeito. Pelo contexto, também da primeira carta, a segunda aceção é a mais provável.

(19) BROWN 322 pensa que "a palavra de Deus" aqui é o mandamento do amor fraterno, "palavra" por excelência na comunidade joânica, ouvida desde o princípio (cf. 2, 7). Em vista, porém, da argumentação que faço, tenho a impressão de que o alcance cristológico-apocalíptico se impõe.

(20) Não vejo porque a "palavra de Deus", segundo SCHNACKENBURG 160, "não se considera aqui como arma na batalha, como o faz, p. ex. Ef 6, 17b, e sim como força divina que age interiormente...". Penso não ser necessária aqui, como em tantos outros casos, a disjuntiva ou-ou, sendo perfeitamente possível a conjuntiva: arma exterior e, também, força interior.

(21) Como uma só vez em Lc 11, 22 e nunca em Mt ou Mc, e apenas duas vezes nas cartas de Paulo: só em Rm 3, 4 e 12, 21.

(22) A propósito, notar a evolução da tradição evangélica que faz Jesus chamar de "Satanás" não Judas mas Pedro, quando este se opõe ao caminho da Cruz em Mc 8, 33 e seu paralelo Mt 16, 23. A passagem sinótica em Lc já omite esta censura a Pedro (apresentando-a, transformada, em Lc 22, 31-32), enquanto em Jo 6, 70 o "Diabo" é Judas.

(23) Tanto em Jo 17, 15 como em Mt 6, 13 costuma-se traduzir de maneira impessoal: "que os preserves do mal; livra-nos do mal", quando é mais provável que se trate também aí do agente pessoal do mal, o "Maligno", como o gênero masculino da expressão na 1Jo 2, 13b e 14c o afirma sem equívoco: "você venceram o Maligno" (gr. tòn ponèrón).

Endereço do autor:

ITESC — Caixa Postal 5.041
88041 — FLORIANÓPOLIS, SC

PASTORAL DA JUVENTUDE REGIONAL SUL IV

Histórico e Organização

Antonio Carlos Frutuoso
Coordenador Regional da PJ em SC

Introdução

O ano de 1992 será de grande expressão para a juventude catarinense, em especial para nós da Pastoral da Juventude. Estaremos celebrando e refletindo, como toda a igreja, a temática da Juventude na Campanha da Fraternidade; e comemorando os nossos 10 anos de organização no Estado.

Uma Pastoral articulada e organizada a nível de Estado